

«Os que nada
fazem supõem-
-se capazes de
fazer tudo.»

M.^{me} de Tracy

ANO VII — N.º 192
NOVEMBRO

1

1 9 5 9

AVENÇA

A Voz de Loulé



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

Pró-Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

- «Dou a este movimento, o meu inteiro aplauso e espero que agora todas as boas vontades se juntem e o projecto vá por diante.
- Espero que a Comissão e Sub-Comissões, espalhadas por todo o concelho, pedirão o tal \$500, alvitrado pela «A Voz de Loulé», em Agosto/1956.

Disse à «A VOZ DE LOULÉ»

a Distinta Louletana sr.^a D. Maria Campina

Uma Entrevista de Luís Sebastião Peres

Na sequência da nossa Campanha — justa e merecida a todos os títulos — trazemos hoje às colunas do nosso quinzenário, mais um depoimento que vem reforçar as opiniões já aqui publicadas, de outros louletanos também distintos e grandes amigos do saudoso clínico Dr. José Bernardo Lopes.

Depõe hoje a distinta concertista e professora de Música, D. Maria Campina, louletana cem por cento e muito amiga e admiradora da prestigiosa figura do benemérito Dr. Bernardo Lopes.

Solicitada para depor sobre a ideia do monumento ao saudoso

clínico, logo de maneira muito gentil acadeu, recebendo-nos no seu lar, na Avenida Estados Unidos da América.

Por sabermos que esta boa louletana se tinha prontificado a realizar um concerto em Loulé com o propósito de angariar fundos pró-monumento, logo nos surgiu a ideia de a ouvir e, sem quaisquer pelas protocolares, em ambiente algarvio, fomos direito ao fim.

Eis o que D. Maria Campina nos diz:

— «Em a «A Voz de Loulé» de 1 de Agosto de 1956, isto é, dois dias depois da morte do Dr. Bernardo Lopes, escreveu-se: «...preparamo-nos para levantar em 30 de Julho de 1957, um busto que perpetue a gratidão, a estima e o carinho que o Concelho dedica e deve, a quem durante 46 anos,

(Continuação na 3.ª página)

Eleições

das Juntas de Freguesia

No passado dia 18 de Outubro realizou-se em todo o País a eleição dos vogais das Juntas de Freguesia, em que foram votantes os chefes de família.

No concelho de Loulé, o acto realizou-se nos lugares habituais de cada uma das 9 freguesias, cujos membros ficaram assim constituídos:

Freguesia de Alcanil—Efectivos: José Galvão, Sérgio Gonçalves Caetano e Francisco Pinto Carrusca. **Substitutos:** José Francisco Guerreiro, Manuel Pires Pinto e Joaquim Galego Matinhos.

Freguesia de Alte—Efectivos: José Cavaco Vieira, José da Silva Junior e António Gonçalves Madeira. **Substitutos:** Plácido de Sousa Vieira, Analide Martins Lourenço e Francisco Rodrigues Madeira.

Freguesia de Ameixial—Efectivos: José Guerreiro Fernandes, José Lúcio e Custódio Fernandes Revez. **Substitutos:** João Mestre, José Rodrigues Catarino e José Tomás Viegas.

Freguesia de Boliqueime—Efectivos: Daniel Mendes Costa, Joaquim da Ponte Sequeira e Agostinho Gonçalves das Dores. **Substitutos:** Damião Pontes Faisca, Manuel Rodrigues Miguel e João Neves Dias.

Freguesia de Querença—Efectivos: Francisco Guerreiro Mealha, Manuel da Ponte Viegas e Manuel da Silva Grade. **Substi-**

(Continuação na 3.ª página)

Subscrição

para o Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

Transporte do n.º 171 de «A Voz de Loulé» de 14-12-58 30.852\$70;

João Gregória Cabrita — Comodoro de Ribadavia, 100\$00; D. Carmen Bolotinha — Lisboa, 20\$00; Jq. G. P., — Loulé, 100\$00; Joaquim da Piedade Coelho Junior, 100\$00; João de Brito Barreira, 50\$00; Manuel Francisco Guerreiro, 50\$00; António Simões Viegas, 50\$00; Francisco Norte Portela, 20\$00; António Pereira Guerreiro, 50\$00; Francisco Correia, 50\$00; Manuel Centeio Madeira, 100\$00; Manuel Guerreiro Fome, 20\$00; Anibal Marum Pereira, 50\$00; Sebastião Guerreiro Murta, 50\$00; Silva & Martins, Ld., 50\$00; Manuel Bartolomeu, 50\$00; Manuel Lourenço, 20\$00; João de Sousa Nascimento, 10\$00; José Bernardo Rodrigues, 20\$00; António Hilário de Sousa, 10\$00; Manuel António Guerreiro Junior, 10\$00; Eduardo Correia, 50\$00; Francisco Correia de Bri-

(Continuação na 4.ª página)

FOI INAUGURADO EM SALIR

o Sub-Posto da G. N. R.

Após muitas e custosas diligências que demoraram alguns anos, Salir viu finalmente concretizada uma das suas velhas aspirações: a inauguração de um sub-Posto da G. N. R..

Situada numa região serrana e distanciada dos principais centros populacionais, Salir tem sido desde há muito alvo de constantes ataques daqueles que, achando mais cómodo roubar que trabalhar, se aproveitam da escuridão da noite para desenfreados ataques à propriedade alheia, fazendo desse sistema de «trabalho» o seu modo de vida.

Sem uma eficaz protecção policial, os proprietários daquela vasta e rica região agrícola têm-se visto assim desfalcados anualmente de importantes valores do seu património, quantas vezes conseguidos à custa de exaustivos esforços. Havia por isso necessidade urgente de acautelar esses valores através da instalação de uma força pública que impusesse a sua autoridade e castigasse os larâpios que por vezes

enxameam as propriedades, roubando e destruindo culturas.

Não é, pois, de estranhar que a inauguração do sub-Posto da Guarda Nacional Republicana de Salir tivesse encheido de regosijo a população de toda a freguesia por confiar em que assim poderá sentir-se mais defendida dos indesejados assaltantes.

E o caso é que o facto teve foros de grande acontecimento para a terra, que se regosijou com o melhoramento recebido e até se sentiu acarinhada pelas entidades oficiais que se dignaram deslocar-se ali para participar na inauguração, tendo à frente o ilustre Governador Civil do Distrito, que pela primeira vez visitou oficialmente esta freguesia.

Também estiveram presentes os srs. Vice-Presidente da Câmara de Loulé, Presidente da Co-

(Continuação na 4.ª página)

O 7.º Aniversário de «A VOZ DE LOULÉ»

Número especial do Natal

Passando no próximo dia 1 de Dezembro a data do 7.º aniversário do nosso jornal, a Administração informa todos os prezados amigos e senhores comerciantes e industriais de Loulé e concelho de que inicia na próxima semana a angariação de anúncios para o Número Especial do Natal — festejando-se assim, a data aniversário de «A Voz de Loulé» que este ano será publicado a cores, agradecendo desde já, o bom acolhimento que venham a prestar aos nossos representantes.

E propósito deste jornal dar à estampa uma edição de molde a honrar as tradições da Imprensa Regional e da Muito Nobre e Honrada Vila de Loulé. Para tal esperamos que todos os louletanos, quer os do Concelho, quer os que residam fora dele, nos dêem a sua colaboração, bem valiosa a considerarmos.

As Câmaras Municipais e Juntas de Turismo e demais entidades da Província, dirigimos idêntica solicitação, com os nossos mais vivos agradecimentos pela cooperação que possa ser dada ao nosso Redactor-jornalista algarvio, Luís Sebastião Peres, a fim de que possamos fazer um Número de verdadeira exaltação às belezas e valores do nosso ALGARVE.

Aos nossos amigos e estimados colaboradores — os ontem e os de hoje — pedimos a gentileza dos seus escritos para uma maior valorização da edição do nosso quinzenário naquela data.

A Administração

II Concurso

Fotográfico

de motivos algarvios

A Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve já tem em distribuição o regulamento do seu II Concurso Fotográfico de Motivos Algarvios, que terminará em 28 de Novembro próximo e a que poderão ser apresentados, por cada concorrente, até 8 provas a preto e branco, nos formatos compreendidos entre 18 X 24 e 30 X 40, e até 3 transparentes a cores, por secção, nos formatos de 35 mm. ou 6 X 6.

Além de um «Grande prémio» do concurso, para o melhor conjunto artístico, haverá tagas e objectos de arte para os melhores trabalhos de cada secção.

Os trabalhos admitidos serão expostos no Salão de Festas da Casa do Algarve de 6 de Dezembro até data a fixar.

Fornecem-se boletins de inscrição na sede da colectividade, — Rua Capelo 5.º-2.º Dt.º — Lisboa.

O Dia de Finados

O dia de Finados é o dia do nosso recolhimento profundo pelos mortos, dia de dor, dia de saudade, dia de lágrimas e luto.

Triste, muito triste como a Natureza no Outono é este dia de recordações, o dia de Finados em que a dor na sua celebração urgente, nivelando toda a hierarquia humana, impõe aos vivos uma trégua de discórdias vãs, ante o sopro de uma realidade: a Morte.

Neste dia triste, numa melopeia melancólica e sentimental os sinos tângem; soa lugubrememente o bronze da ermida agreste copalhando pelas quebraças dos montes o seu tom agourento e triste; soa o carrilhão das cate-

drais das cidades, levando em seu badalar comovente de tristeza, sensações diversas ao espírito do crente. Este dia; altamente eloquente na sua singeleza acompanhada dos dobles fúnebres dos sinos dos campanários.

Que ecos tão sentidos vêm despertar no fundo dos nossos peitos crentes os sons plangentes do bronze das torres. Esta melancolia toada é a mesma que acompanhou os nossos entes queridos, quando a morte nos arrebatou impiedosamente essas queridas porções da nossa alma, aqueles que nos foram queridos.

Quem há até que, em cuja alma se não avivem esses dias tristes, em que viu carpidos pelos mesmos lamentos do bronze da torre sumirem-se na fria escuridão da sepultura aqueles que amou na vida?!

E triste a perspectiva que se oferece à nossa vista; o terreno

(Continuação na 4.ª página)

A Educação da Mocidade...

Cada vez mais nos compenetrados da necessidade de evitar à juventude espectáculo violentos, cenas canibalísticas e leituras perniciosas.

O cinematógrafo é uma grande escola, tanto faz para o bem, como para o mal...

Mas como a tendência geral é seguir o exemplo condenável, a mocidade que assiste aos espec-

táculos de cinema, fixa com mais atenção e interesse, aquilo que lhe parece bravura, heroicidade, temeridade e aventura, quando — na maior parte dos casos — não passa de crime!

Vem isto a propósito duma notícia que lemos nos jornais, procedente de Londres, e que a seguir transcrevemos, para justificarmos a razão daquilo que escrevemos:

«Londres, 19 — (Do correspondente da Reuter, Errol Friedman) — a polícia britânica iniciou esta semana uma intensa campanha para destruir os bandos de adolescentes que têm en-

(Continuação na 3.ª página)

Alves Barbosa em Loulé

Promovido pelo Louletano Desportos Clube, realiza-se hoje, domingo, no Estádio da Campina um grandioso festival do Campeonato Regional de apuramento para o Nacional de Futebol da 3.ª Divisão em que se defrontam o União Sambransense e o Louletano Desportos Clube e diversas provas de ciclismo em que participarão os valorosos corredores Alves Barbosa, Antonino Baptista, Jorge Corvo, Alcide Neto, João Bárbara, Sérgio Páscoa, Virgílio, Romeira, Gonçalves, Lourenço, Valério Clara, Manuel Coelho, João Carlos, João de Deus, José António, Virgílio Viegas e Inácio Ramos.

Este festival está despertando grande entusiasmo entre os adeptos do ciclismo.

O Bairrismo e o Desporto

No dia em que sair o nosso jornal, começará o torneio distrital de apuramento para o Campeonato Nacional de Futebol da III Divisão; e no entanto só se fala em Loulé do Portimonense-Farense do dia 18 de Outubro findo, e da posição do Olhanense, Farense e Portimonense na tabela de pontos. Pergunta-se: e o Louletano? Falar-se-á mais dos outros só porque são maiores? Se assim é, porque não nos juntamos todos, sem distinção de credos ou classes, para elevar o nosso clube ao nível dos citados? Qualquer dessas terras terá mais possibilidades do que a nossa de sustentar um bom grupo desportivo? Achamos que não! Terão mais matéria prima, é certo, mas só em futebol, mas nós temos, em ciclismo, possibilidades enormes, tão grandes como as deles em futebol; e se eles conseguem ser falados, porque esperamos para imitá-los? É certo que levamos uns anos de atraso, em virtude do marasmo em que vivemos neste campo durante anos! Mas os louletanos queremo realmente que se volte a esse marasmo? Achamos que não, porque já Eça de Queirós dizia que os males dos outros, mesmo grandes, não nos afligem, mas os nossos, por muito pequenos que sejam, ferem-nos: porque? Porque

nós sentimos mais aquilo que é nosso!

Ora acontece que na nossa terra há vários sócios do Olhanense e Farense, e há forasteiros (ou filipes como lhes queiram chamar), que fazem o jogo desses clubes, quando o nosso se debate com uma crise financeira e directiva, esta talvez consequência daquela! Acontece ainda que a maior parte dos sócios do Louletano o são por interesse e não por bairrismo, pois beneficiam em entradas nos festivais, de vantagem em relação ao custo dos bilhetes, e quando isso não acontece, ou deixam, ou ameaçam deixar de ser sócios!

Por tudo isto, achamos lamentável que louletanos, que são descendentes dos grandes bairristas que deram fama a Loulé da mais bairrista terra do Algarve, e lembramos com saudade, por exemplo, um Dr. Frutuoso da Silva, (que ainda conhecemos), se orgulhem do bairrismo que os outros tiveram, e se deixem hoje ultrapassar por falta dele.

Fazemos votos para que o que aqui fica dito não seja mal compreendido e sirva de alguma maneira para reacender a chama do bairrismo louletano, que se vai extinguindo!

J. F.

INAUGURAÇÃO do Edifício da SHELL



Ao cimo da bela Avenida da Liberdade, quase junto à Praça Marquês de Pombal, ergue-se agora uma nova construção — o Edifício Shell.

De linhas sóbrias, nem por se tratar de um imóvel concebido segundo um estilo de arquitectura funcional, deixa de ser elegante e magestoso, enquadrado já no novo plano urbanístico elaborado pela Câmara para embelezamento de uma das mais boni-

tas e importantes zonas da Capital.

A inauguração oficial do Edifício Shell — realizada no passado dia 30 de Setembro — tinha de constituir um evento de excepional relevância, até mesmo por marcar uma nova e interessante etapa na vida de uma empresa com larga projecção na economia nacional.

(Continuação na 2.ª página)



A recente Feira de Santa Iria, realizada nesta cidade, com grande aparato decorativo, foi cartaz motivador, como é natural, para se deslocarem até Faro alguns milhares de visitantes. A feira, que se situou na vanguarda de todas as anteriormente realizadas pelo seu encantador aspecto luminoso, que merece ser realçado, trouxe também consigo a presença dum avultado número de expositores, que muito a valorizaram. Cabe uma referência ao sector da indústria automóvel, que com a apresentação da vasta gama dos últimos modelos, conferiu ao certame uma nota de modernismo e afinal, de acentuada visão comercial; porque, este é um dos aspectos fundamentais, em que acreditamos, sejam de futuro encarádas as feiras dos grandes centros urbanos — a presença da actividade industrial, a demonstração junto do grande público, que voluntariamente nesses dias ocorre aos referidos locais e

a consequente comercialização dos produtos, que são afinal os chamados «produtos da nossa época».

Não olvidaremos a parte tradicional da feira — os divertimentos, a quinilharia, e tudo o mais que sendo presente, tende indubitavelmente a evoluir, completando-se contudo estas duas variantes, como é manifesto desejo do público.

Este certame pode vir a transformar-se no futuro, num dos grandes cartazes turísticos de Faro, havendo que continuar a Câmara a dedicar-lhe a lowável atenção ultimamente demonstrada e valorizá-la ano após ano, no sentido de se tornar uma autêntica feira de grande burgo e um cartaz atractivo da cidade.

Esta agora realizada, faz-nos acreditar numa autêntica contemporização da Feira de Santa Iria.

Faro 24-X-1959

João Leal

INAUGURAÇÃO do Edifício da SHELL

(Continuação da 1.ª página)

A correspondência a iniciativa de tamanho vulto foi assinalada com a presença do embaixador, sr. Dr. Teotónio Pereira, actual Ministro da Presidência, de outros membros do Governo, do Presidente e Vice-Presidente do Município de Lisboa, srs. Brigadeiro França Borges e Anibal David, e de algumas das mais destacadas figuras do nosso meio comercial.

Importa porém evidenciar que a comparência dessas altas individualidades não se justifica somente pelo valor económico da Shell Portuguesa, mas também, e principalmente, pelas características específicas de que o empreendimento se revestiu.

Aparte a circunstância de só uma organização de fortes e consolidados alicerces económicos se poder abalar a feito de tal envergadura, há a considerar outros factores que não são de menor importância, como os nossos leitores poderão apreender na descrição que vamos tentar fazer de tudo quanto nos foi dado observar na visita pré-inaugural para que foi convidada a Imprensa, a Rádio e a Televisão.

Os jornalistas foram amavelmente recebidos pelo Administrador-Delegado, sr. D. H. Burnet, pelos Administradores, srs. Eduardo Rodrigues, Drs. Bustorff Silva, Patrício Gouveia, e pelo Director sr. Miranda da Cruz.

Durante o aperitivo que serviu de pretexto para dar as boas vindas, o Dr. Bustorff Silva, falando em nome da Administração, exaltou o valor da Imprensa, da Rádio e da T. V. como órgãos de informação e agradeceu a presença dos seus representantes.

Pós em destaque a valia do empreendimento, a sua concepção e realização estritamente nacionais, bem como nacionais foram também os materiais e a mão de obra utilizados. Salientou que a realização teve o poderoso concurso do Grupo Financeiro Royal Dutch Shell o qual embora situado no campo internacional, tem sabido, como mais uma vez o comprovou no caso do Edifício Shell, subordinar os seus interesses aos da economia portuguesa.

Porém, frisou ainda o Dr. Bustorff Silva, o facto que acabava de apontar não tirava à Shell Portuguesa as características de empresa verdadeiramente nacional, porquanto a Companhia se constituiu de acordo com as leis portuguesas e dentro dos limites que impõem à comparticipação de capitais estrangeiros nas sociedades anónimas. Ao fechar o seu breve discurso, saudou de novo a Imprensa, cujo papel mais uma vez assinalou. Respondeu-lhe, em nome dos visitantes o nosso camarada Morais de Carvalho do jornal «A Voz».

Funcionários superiores da Shell acompanharam então os visitantes através de todo o edifício, facultando-lhes interessantes informações, já sobre os planos a que obedeceu a construção, já sobre materiais e seu emprego, já sobre localização e funcionamento dos serviços a cuja distribuição obedeceu, poderíamos dizer, a um conceito anatómico. Assim como o coração humano se encontra situado na parte central do corpo a comandar a cir-

culação do sangue, e portanto das energias, assim o órgão motor da Shell — a sua Administração — se encontra instalado na parte central do edifício — o 4.º andar.

Em tudo se nota como preocupações dominantes a comodidade e o desejo de bem servir o público, a eficiência dos serviços, o conforto do pessoal.

Assim, os serviços de mais contacto com o exterior — Filial de Lisboa, Salão de Exposição, Secção de Compras e Tesouraria — encontram-se instalados no rés do chão.

Na cave, com acesso pelas traças do edifício, que deitam para a Rua Duque de Palmela, encontram-se uma modelar Estação de Serviço e a Sala de treino do pessoal das muitas Estações de Serviço que a Shell tem espalhadas por todo o país. A consciência com que esse treino é feito torna-se evidente em toda a aparelhagem a que não falta mesmo um pequeno veículo automóvel de cerca de um metro, que mostra o funcionamento do motor, sistema de travagem, sinalização, etc. etc.

Curiosos também os serviços mecanográficos, em que diversas máquinas perfuradoras, verificadoras e separadoras executam, separam e relacionam e somam recibos à média de 20 mil toques por hora, o que demonstra também uma excepção à aplicação das funcionárias que com essas máquinas trabalham.

Como todas as grandes organizações, é vasta e complexa a rede de serviços da Shell. Bastará indicar para que se possa fazer uma pequena ideia, que ela abrange, ali, na sede da Companhia, os seguintes departamentos, além dos já mencionados:

— Relações Públicas, Intendência, Secretaria e Papelaria no primeiro andar; Vendas e Produtos Químicos, no segundo; Operações, no terceiro; Administração e Pessoal, no quarto; Serviços Gerais, Consultores Jurídicos, Dactilografia, Estatística geral, Serviço Social e Serviço Médico, no quinto; Serviços Financeiros, no sexto; Publicidade e Clube Shell, no sétimo; e Messe no oitavo.

Da nossa visita trouxemos a ideia reconfortante em nossos dias, de como os interesses do público, dos funcionários e do próprio «capital» se podem congregarem num esforço harmónico que se traduz em progresso, em bem-estar, em interesse pela obra de conjunto, em que tudo se avanta para ao serviço da Nação como factores do bem-comum.

Neste caso particular do Edifício Shell e das suas magníficas instalações torna-se ainda porventura mais evidente, porquanto tudo foi estudado, planeado e executado por técnicos e pessoal português.

Assim, a traça do edifício foi entregue ao arquitecto, sr. Fernando Silva que com a colaboração dos serviços técnicos da Shell tendo à frente o Eng.º A. Leote do Rego, se desdobrou maravilhosamente da incumbência, produzindo um trabalho digno de si e da empresa que nele confiou, o mesmo tendo acontecido, de resto com todos quantos tiveram a seu cargo a execução de qual-

3.ª PAGINA

Plano de Actividades da Câmara Municipal de Loulé

(Cont. do número anterior)

ESGOTOS

Dado o parecer favorável da Repartição de Saneamento da Direcção-Geral dos Serviços de Saneamento e da Junta Sanitária de Aguas, sobre o estudo prévio da rede de esgotos de Quarteira, aguarda-se a confecção definitiva e a aprovação do Plano de Urbanização daquela povoação, a fim de mandar elaborar o projecto definitivo da rede de esgotos.

ESCOLA TÉCNICA

Com a criação dos cursos de formação da Escola Técnica, que são a conclusão lógica dos ciclos preparatórios até agora em vigor, surgiu o problema da falta de salas para o funcionamento dos cursos previstos. Deve, por esta razão, diligenciar-se no sentido da construção de umas quantas salas de aula (até ao número de 6) para que a Escola funcione nas condições mínimas exigíveis, até que se dê por concluído um edifício apropriado a construir pelo Estado.

Neste sentido deve providenciar-se para que se desloque a Lisboa uma comissão encarregada de pedir prioridade para aquela edificação.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DE LOULÉ

Contrariamente ao que se esperava não foi, até esta data, dado seguimento à pretensão de todos os louletanos no sentido de ser aprovado superiormente o Plano de Urbanização da Sede do Concelho.

No entanto, este facto não impede que se pense em pedir a aprovação de planos parcelares de determinadas zonas que interessam urbanizar.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DE QUARTEIRA

Não há modificações no que diz respeito ao estudo do Ante-Plano de Urbanização de Quarteira, continuando, no entanto, a Câmara a esforçar-se para que o estudo feito pelo sr. Arquitecto urbanista seja dado por concluído, a fim de que o plano possa ser aprovado e assim desapareçam muitas anomalias lá existentes e se possa pensar a sério na

CASA

Aluga-se uma ampla cave, na Rua Padre António Vieira, podendo ser utilizada para habitação, armazém ou escritório.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Terreno para construção, na Campina de Cima, junto à estrada de S. Brás.

Nesta redacção se informa.

para 1960

rede de esgotos daquela povoação.

CEMITERIO MUNICIPAL

Havendo a necessidade de ampliação do Cemitério, aguarda-se a todo o momento que o engenheiro consultor desta Câmara Municipal conclua o respectivo projecto, para se dar início às obras com a expropriação do terreno necessário e construção de um muro de vedação.

ARRUAMENTOS DA VILA

Concluídas, praticamente, as obras de pavimentação de algumas ruas da freguesia de S. Sebastião, correspondentes à 1.ª e 2.ª fases de um plano elaborado, torna-se necessária a beneficiação de outras ruas da Vila pela sua pavimentação, electrificação e esgotos, para o que no próximo ano se deverá mandar elaborar um projecto, a fim de se pedir a necessária comparticipação.

Em virtude de, ao contrário do que se esperava, não ter sido aprovado o Ante-Plano de Urbanização da Vila, não foi possível, durante a actual gerência, proceder-se à abertura de uma rua na freguesia de S. Sebastião, prevista na gerência anterior. No entanto, o nosso consultor técnico já iniciou o estudo, para elaborar o respectivo projecto logo que o Ante-Plano esteja aprovado.

PARQUE MUNICIPAL

Não tendo sido entregue o projecto do Estádio Municipal, pelo seu autor, afigura-se-me dever dar-se prioridade a outras obras. A Câmara mandará elaborar o projecto do parque infantil e procederá ao ajardinamento de algumas zonas.

MATADOURO MUNICIPAL

Para conclusão da remodelação do Matadouro será feita, na próxima gerência, a substituição da faixa de marmore existente por outra, de azulejos, até à mesma altura, o que beneficiará as instalações sob o ponto de vista higiénico.

(CONTINUA)

Amendoeiras e Oliveiras

para plantação, vende: Maria do Carmo Cae-tano ALTE

Pomar novo VENDE-SE

Com área de 5.000 m.2 com abundância de água. Lindo local próximo da vila.

Nesta redacção se informa.

«A VOZ DE LOULÉ» — N.º 192 — 1 de Novembro de 1959

Tribunal Judicial

Julgado Municipal de Albufeira

A N Ú N C I O

2.ª publicação

No dia DEZOITO do próximo mês de NOVENBRO, pelas DEZ horas, no Tribunal Judicial deste Julgado de Albufeira, nos autos de mandado precatório vindo da Comarca de Loulé e extraído dos autos de Acção de Divisão de Coisa Comum que MANUEL JOAQUIM AREZ, viúvo, proprietário, residente no sítio da Patá, freguesia de Boliqueime, comarca de Loulé move contra MARIA DAS DORES AREZ e marido LUIS DIAS, trabalhadores, residentes no sítio do Serro do Malpique, desta vila de Albufeira, e outros, se não de pôr pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior preço oferecer acima dos valores adiante indicados, os prédios a seguir descritos, a saber:

PRÉDIOS A ARREMATAR

Primeiro — Uma courela de semear, com árvores, no sítio de Vale Carro, freguesia de Albufeira, inscrita na respectiva matriz sob o art.º 2.631 e descrita na Conservatória do Registo Predial respectiva sob o n.º 1.547, a fls. 178 do Livro B-4. Vai à praça pelo valor de 5.790\$00.

Segundo — Um bocado de terra de semear, com árvores, no sítio do Cotovio, freguesia de Paderne, inscrita na respectiva matriz predial sob o art.º 5.501 e descrito na Conservatória do Registo Predial respectiva sob o n.º 1.550, a fls. 179 v.º do Livro B-4. Vai à praça pelo valor de 4.200\$00.

Terceiro — Uma courela de semear, com árvores, no sítio do Escarapão, freguesia de Paderne, inscrita na respectiva matriz predial sob o art.º 5.351 e descrita na Conservatória do Registo Predial respectiva sob o n.º 1.551, a fls. 180 do Livro B-4. Vai à praça pelo valor de 2.190\$00.

Quarto — Uma courela do barrocal, com árvores no sítio do Monte Velho ou Pinhal, freguesia de Albufeira, inscrita na respectiva matriz predial sob o art.º 2.069 e descrita na Conservatória do Registo Predial de Albufeira sob o n.º 1.548, a fls. 178 do Livro B-4. Vai à praça pelo valor de 1.920\$00.

Albufeira, 12 de Outubro de 1959

O Chefe de Secção Int.º, José Dias Correia

Verifique a exactidão:

O Juiz Municipal, António Adélino Leitão Correia

O Solicitador encartado, Geraldo dos Santos Esteves

TERRENO para construções

VENDE-SE terreno para construções, na Avenida José da Costa Mealha. Informa este jornal.

«A VOZ DE LOULÉ» — N.º 192 — 1 de Novembro de 1959

Tribunal Judicial

— D A —

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 28 do próximo mês de Novembro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, nos Autos de Acção de Divisão de Coisa Comum que Manuel Joaquim Arez, viúvo, proprietário, residente no sítio da Patá, desta comarca, move contra Maria das Dores Arez e marido Luis Dias, trabalhadores, residentes no sítio do Serro do Malpique, freguesia de Paderne, concelho de Albufeira, e outros, se não de pôr pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior preço oferecer acima do valor que lhes vai indicado, pelo qual são postos em praça, os seguintes bens:

Bens a arrematar
1.º — Uma courela de terra de semear com figueiras, no sítio da Patá de Boliqueime, denominada «Arrancada» inscrita na respectiva matriz predial sob os art.º 1991, 1992, e 1993, descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé, sob o n.º 21.313 a fls. 132 v.º do L.º B-54, com o valor matricial corrigido de 2.044\$00 (dois mil e quarenta e quatro escudos).

2.º — Uma courela de terra de semear, com árvores, no sítio da Camacha, freguesia de Boliqueime, inscrita na respectiva matriz predial, sob o art.º 591, descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 21.318, a fls. 135 do livro B-54 e com o valor matricial corrigido de 616\$00 (seiscentos e dezasseis escudos).

3.º — Uma courela de terra de semear com vinha e árvores, no sítio da Patá, freguesia de Boliqueime, denominada «Arrancada», inscrita na respectiva matriz predial sob os art.º 1.986, 1.987, e 1.988 e descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé, sob o n.º 21.312, a fls. 132 do L.º B-54, com o valor matricial corrigido de 1.904\$00 (mil novecentos e quatro escudos).

4.º — Um monte no sítio da Patá, freguesia de Boliqueime, que se compõe de casas com vários compartimentos, poço e terra de semear, com árvores, inscrito na respectiva matriz predial sob os artigos rústicos n.º 1.903 e 1.912 e sob o artigo urbano n.º 1.544, descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé, sob o n.º 21.352, a fls. 152, do L.º B-54 e com o valor matricial corrigido de 1.984\$00 (mil novecentos e oitenta e quatro escudos); e

5.º — Uma courela de terra de semear com árvores, no sítio da Patá, freguesia de Boliqueime, inscrita na respectiva matriz predial sob o art.º n.º 1.911, descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 21.315, a fls. 133, do L.º B-54 e com o valor matricial corrigido de 644\$00 (seiscentos e quarenta e quatro escudos).

Loulé, 26 de Outubro de 1959

O Chefe da 2.ª Secção,

Francisco Dias Bragança

Verifiquei

O Juiz de Direito, 1.º Subst., Manuel d'Andrade e Silva

O Solicitador encartado, Geraldo dos Santos Esteves

PECHINCHA!

NA NOVA CAMPANHA DO NATAL com início em 2 de Novembro

a MOTOLUX

DÁ um ferro eléctrico automático como brinde, a quem tenha a FELICIDADE de comprar um fogão «FAR» ou um dos nossos esquentadores.

a MOTOLUX

DÁ UM FERRO ELÉCTRICO AUTOMÁTICO COM GARANTIA DE DOIS ANOS

a MOTOLUX apresenta ainda as últimas novidades em utilidades domésticas: As melhores Painéis, Caçarolas, Cafeteiras, Ferros, Rádios, Aparelhos de Televisão, Giradiscos, Frigoríficos, etc., nas melhores condições e EM TODOS OS SISTEMAS DE PAGAMENTO!

Mesmo em outras marcas de Fogões nacionais ou estrangeiros

Jorge Pereira da Costa

Odontologista

Rua Eng. Duarte Pacheco, 82 - 1.º

LOULÉ

Ausente de 1 a 21 de Dezembro

INAUGURAÇÃO

do Edifício da SHELL

(Continuação da 2.ª página)

quer das parcelas que hoje constituem um todo grandioso que a um tempo patenteia por forma inequívoca o valor económico da Shell, a capacidade criadora dos técnicos portugueses e a eficiência da mão de obra nacional.

Registemos ainda que os colaboradores directos na construção foram em número de mais de uma centena, abrangendo arquitecto, engenheiros, técnicos e empresas consultoras, a empresa construtora, empreiteiros, sub-empreiteiros e os mais importantes fornecedores. A mão de obra utilizada foi, pode afirmar-se, de muitos milhares de operários. E isto durante dois anos, que tantos foram os necessários para levantar o edifício e apetrechá-lo de forma a corresponder ao que se pretendia.

O custo total — edifício, instalações, móveis, etc. — anda à volta de uns 30 mil contos. Na impossibilidade absoluta de assinalar todos os pormenores interessantes, de tantos que são, não queremos deixar de nos referirmos ao factor humano.

Sendo mais de 1.000 os empregados de diversas categorias que a Shell emprega em Portugal, no novo edifício trabalham cerca de 300 pessoas.

Telefones internos, inter-comunicadores, monta-papéis, montacargas, elevadores, tudo conduz a uma maior comodidade e facilidade de comunicações, tudo assegura uma melhor coordenação de serviço e, portanto, uma maior eficiência dos mesmos.

De resto, esse objectivo é servido pelos mais variados meios de trabalho postos à disposição dos empregados, desde as cómodas secretárias às máquinas individuais de cálculo e de escrever; aos serviços mecânicos; aos próprios serviços médicos e sociais; ao clube com uma ampla sala que serve simultaneamente de ginásio, de teatro e de cinema, com um palco móvel; à messe com as suas moderníssimas instalações de cozinha, eu sei lá!...

E de tudo quanto vimos e todos os elementos que colhemos, tudo nos deixou uma agradável impressão, um sentido bem claro do magnífico ambiente de trabalho que ali se soube criar num espírito de entre-ajuda, em que cada um se sente molécula importante de um corpo grandioso.

O brio profissional de cada um dos empregados encontrámo-lo sempre presente na maneira como procuravam responder às nossas perguntas, conscientes do papel que desempenham como colaboradores da Administração e das responsabilidades que como tal lhes cabe no bom desempenho das respectivas missões.

Verdade seja que a empresa não procura desconhecer, não finge ignorar esse interesse do pessoal, antes o estimula, até na remuneração material do trabalho, pois sendo dos melhores o respectivo acordo colectivo, a Shell vai ainda além do que ali se estipula em matéria de vencimentos. Pode dizer-se que quase nenhum do seu pessoal auferir menos de 1.900 escudos mensais.

Um novo sistema de climatização permite uma temperatura — ambiente agradável, quer de verão, quer de inverno; os serviços de Assistência Social vão até ao ponto de se interessarem pelos problemas particulares dos empregados, buscando-lhes solução adequada e dispondo para tal de uma importante verba anual cuja aplicação se mantém absolutamente secreta mesmo para a própria Administração.

Trespasa-se

Por motivo de retirada trespasa-se o Restaurante CONDE (junto ao Mercado).

Tratar com os proprietários.

Todo o pessoal, na altura da admissão, é submetido a um período inicial de treino em que se procura dar-lhe uma noção geral dos serviços, um espírito de equipa, um conceito especial da utilidade das tarefas que lhe vão ser confiadas e do esforço a desenvolver para a sua boa execução. Durante esse tempo é acompanhado por um duplo — digamos assim — que lhe mostra os porquês do serviço, e o guia na maneira como o executar.

Deveras curiosa e interessante toda esta assistência aos funcionários, em que os menos aptos ou adaptáveis são justamente os mais amparados.

Que nos desculpe, afinal, a Administração da Shell se ao fim e ao cabo nos interessámos mais pelo que toca de perto à acção social, que propriamente pelo seu grandioso edifício.

Esse, todos o podem admirar, belo nos seus mármoreos portugueses, imponente no seu porte, admirável nos seus arranjos interiores. O outro — o social — nem todos dele se podem aperceber e, entre os dois, não sabemos dizer qual o mais importante: — ambos se completam.

Resta-nos agradecer o prazer espiritual que a visita nos proporcionou.

Está de parabéns a Shell Portuguesa. Está de parabéns Lisboa pela bela construção que tanto vem valorizar a sua linda Avenida da Liberdade.

Amaral Cid

N. R. — Aqui deixamos expressos o nosso reconhecimento a todos os funcionários superiores da Shell que nos serviram — digamos — de cicerones, pela forma gentil com nos atenderam. Muito especialmente, queremos significar o nosso apreço pelo sr. Dr. La Rosa que foi com quem mais demoradamente contactámos e foi duma cativante amabilidade.

VENDE-SE

Morada de casas terreas e courela de terra de semear, com amendoeiras, alfarrobeiras e oliveiras. Junto à sede da Sociedade das Quatro Estradas—Loulé,

Tratar com Maria da Assunção Martins—Rua da Barbacá, 31 — LOULÉ.

EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que DOMINGOS MARTINS BARRIGA requereu licença para instalar uma oficina de ferrador, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e cheiro, situada em Parragal, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando ao Norte com a Escola, ao Sul com Manuel Bexiga Peres, ao Nascente com Joaquim Alberto Apolónia e ao Poente com a Estrada.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, 21 de Setembro de 1959

O Eng.º-chefe da Circunscrição,

João António da Silva Graça Martins

«A VOZ DE LOULÉ» — N.º 192

— 1 de Novembro de 1959

Tribunal Judicial

DA

Comarca de Loulé

A N Ú N C I O

2.ª publicação

Pelo presente se faz saber que no dia CATORZE do próximo mês de NOVENBRO, pelas ONZE horas, nos autos de Acção de Divisão de Coisa Comum que Maria Luísa e marido Francisco José Guerreiro, residentes em Corte Neto, freguesia de Querença, movem contra Manuel Joaquim Tomás e mulher Henriqueta da Conceição, da Ponte da Tor; Maria da Glória Guerreiro e marido António Francisco Catarino, da Corte Neto; Maria da Conceição, viúva, doméstica, do mesmo sítio; e Maria José dos Santos Guerreiro e marido José da Silva Guerreiro, da Corte Neto; todos da freguesia de Querença, e à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, se hão de pôr em praça, pela primeira vez, e arrematar a quem maior lance oferecer acima do valor que lhes vai indicado, pelo qual vão ser postos em praça, os seguintes bens:

BENS A ARREMATAR

Primeiro — Terra de semear e barrocal com árvores e casas de habitação em ruínas, denominada «O Monte», no sítio da Gemica, freguesia de Querença, inscrita na respectiva matriz sob o art.º rústico n.º 2.152 e sob o art.º urbano n.º 387, com o valor matricial corrigido de 6.588\$00;

Segundo — Terra de semear com árvores e mato, no sítio do Esteval, freguesia de Querença, inscrita na respectiva matriz sob o art.º rústico n.º 2.457, com o valor matricial corrigido de 7.084\$00;

Terceiro — Terra de barrocal com árvores, no sítio da Picavessa, freguesia de Salir, inscrita na respectiva matriz sob o art.º rústico n.º 565, com o valor matricial corrigido de 336\$00; e

Quarto — Talho de terra de semear, denominada «O Molinho da Oliveira», no sítio do Molinho da Oliveira, freguesia de Salir, inscrito na respectiva matriz sob o art.º rústico n.º 358, com o valor matricial corrigido de 2.940\$00.

Loulé, 6 de Outubro de 1959

O Chefe da 1.ª Secção,

Joaquim Guerreiro Brásão

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Marino Barbosa Vicente Junior

— 00—00—00—00—00—00—

Imprensa

«ALENTEJO ILUSTRADO»

Apareceu a público há três meses, tendo sido agora publicada o seu 3.º número, esta bem interessante revista regional, que em Beja, sob a direcção da sr.ª Dr.ª D. Amélia de Ayres Lança Pereira, tendo como chefe de redacção o sr. Manuel de Melo Garrido; redactor-secretário o sr. José A. Moedas e redactor-delegado para o Alto Alentejo, o sr. Valente Alferes, se publica todos os meses.

Representa uma louvável tentativa que desejamos seja bem sucedida, sabido como é que raramente conseguem vingar iniciativas deste género, que, duma maneira geral não são apoiadas pelo público, como deviam ser, não só por representarem um esforço e uma comunhão de labor apreciável, como pelos intuitos louváveis que as enformam.

A referida revista, que é composta e impressa na «Minerva Comercial», apresenta-se com um aspecto gráfico digno de nota e uma variada colaboração que a torna muito interessante.

Fazemos os mais sinceros votos pelas prosperidades de «Alentejo Ilustrado», desejando que a sua vida se prolongue por muitos anos e que o seu corpo directivo e redactorial receba a compensação devida pelo enorme trabalho que representa lançar a público uma publicação deste género.

Automóvel

Por motivo de retirada para África, vende-se um automóvel marca Citroen, em bom funcionamento.

Tratar na Garage Morgado — LOULÉ.

A Educação da Mocidade...

(Continuação da 1.ª página)

chido de medo as ruas de várias cidades britânicas.

A violência juvenil atingiu, no fim da semana passada, novas culminâncias com o assassinio dum jovem polícia apunhalado pelas costas quando tentava intervir numa desordem entre vários jovens rufias.

Anteontem, centenas de polícias começaram a prender grandes número de jovens «gangsters» e suas companheiras femininas, passando rusgas nas ruas de Londres, à procura de pistas do assassinio e dos seus colegas.

Várias camionetas da polícia, cheias de «teddy-boys» e de jovens vestindo camisolas, foram transportados para «Scotland Yard», a fim de serem interrogados, por causa do assassinio.

Ontem, um maior número desses «gangsters» imitadores, que sonham com os seus heróis dos filmes e das aventuras violentas, foram arrancados aos seus «bars» e cafés a fim de serem levados para a sede da polícia.

E alarmante o que se passa em Londres, e duma maneira geral em Inglaterra, onde uma grande parte da sua juventude impressionada pelos exemplos que o cinema lhe proporciona, pretende tornar-se notada, praticando actos semelhantes aos que vê no écran.

Mas, infelizmente, não é só em Inglaterra que se passam casos desta natureza, porquanto, por toda a parte o cinema exerce a sua acção deletéria, devido ao género de filmes que apresenta, quase todos eles em que a violência, a barbaridade, o crime e tantos outros motivos condenáveis, são exibidos em público e proporcionados aos jovens!...

E lembrar-mo-nos nós que este género de espectáculos poderia ser uma grande escola de educação, exaltando e pondo em destaque a honra, a serenidade, o altruísmo a abnegação e tantos outros motivos morais que exercessem no ânimo e no espírito da juventude uma acção morigeradora dos maus instintos, levando-os a modificarem os ruins sentimentos, se porventura os tivessem!...

Mas acontece perfeitamente o contrário. Dramas passionais, aventuras, guerras, lutas, intrigas, «índios», «gangsters», etc., etc., é o que duma maneira geral se exhibe.

E, sendo assim, que admira que se registem factos como o de Londres é que a cada passo jovens pratiquem aventuras criminosas, sugestadas pelos exemplos que o cinema lhes fornece em tanta abundância?!...

Cremos ser este um dos principais problemas a enfrentar, de forma a evitar tão cruentos e infelizes resultados, como os que se estão a verificar...

Mas o cinema ainda não é tudo na deseducação da juventude, contribuindo para a sua desorientação. A leitura, que se chama infantil, só tratando na sua maioria, de aventuras de «gangsters» e combate de índios, também contribui grandemente para que a mocidade se impressione e na sua natural tendência para a imitação, procure realizar actos semelhantes aos que a leitura lhe dá e o cinema lhe mostra.

Eis aqui um problema que deveria ser resolvido por quem de direito, atentas às consequências desastrosas que derivam dos factos que apontamos, tristes realidades que não descrevemos com exageros desnecessários, por estarem bem patentes...

Poderíamos apontar mais factos, para demonstrar as razões dos nossos reparos, mas ficamos por aqui, porque o espaço é pouco e o assunto não se esgota num simples artigo de jornal.

José Gonçalves Rodrigues

(Redactor Delegado do «Diário do Alentejo» em Lisboa)

PRÉDIO em QUARTEIRA

Vende-se ou aluga-se um prédio em Quarteira, podendo servir para habitação ou estabelecimento comercial, situado na Rua 28 de Maio.

Tratar na Rua Vasco da Gama, 8 em (Quarteira) ou em Lisboa na Rua Diogo Bernardes 16-2.º-Esq.

Empregado/a

Para escritório. De preferência com conhecimentos de contabilidade.

Nesta redacção se informa.

Pró-Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

o serviu abnegadamente e façam-lo por subscrição pública exclusivamente».

E mais adiante: «Bastaria 1\$00 de cada habitante do concelho para se obter mais de 50 contos».

Deste modo — continua a nossa entrevistada — 1\$00 por cada habitante, seria feita a mais bela homenagem que o concelho de Loulé prestaria ao Dr. Lopes. Todos o poderiam e deveriam fazer, sem excepção; porque, sem excepção, Ele, o Dr. Lopes, serviu durante 46 anos, o pobre e o rico, o que morava ao lado de sua casa e aquele que, lá longe, esperava ansiosamente o Dr. Lopes, que lhe levaria — ele tinha a certeza — a salvação do seu ente querido. E o Dr. Lopes lá ia, aceitando todos os melos de transporte, por muitos caminhos quase intransitáveis.

Prosseguindo:

Era extraordinária, a fé que todos tinham no Dr. Lopes.

Porquê? E que ele nasceu médico e fez da sua profissão um verdadeiro sacerdócio. Para os seus doentes viveu inteiramente e só Deus sabe quantas vezes lhes teria sacrificado, as alegrias duma vida familiar, distrações, comodidades, enfim, todas aquelas coisas humanas e justas, que só nas grandes almas encontram resistência.

Em tom convicto, a nossa entrevistada diz-nos: «Pela inteligência e pelo coração, ele foi grande e esta grandeza de alma, posta ao serviço dos louletanos, NÃO PODE FICAR ESQUECIDA! Tem de ser perpetuada em mármore ou bronze (o nome duma rua não basta), e temos que dar às gerações futuras, UM EXEMPLO DE JUSTIÇA E GRATIDÃO!»

Eu sei — continua — que nenhum louletano esqueceu o Dr. Lopes, simplesmente, aquela dor de o ter perdido, foi diminuindo com os anos. E sempre assim. A vida não pára e os homens mergulhados na agitação do nosso século, pensam no presente, às vezes no futuro, mas o passado quase esquecem, porque não há tempo para lhe dedicar. E foi por isto que aquele lindo projecto de «A Voz de Loulé», de 1 de Agosto de 1956, para inaugurar um busto ao Dr. Bernardo Lopes em Julho de 1957, mergulhou no SILENCIO. No silêncio, não o esquecimento, tanto assim, que agora se levanta novamente a ideia.

Como amiga e admiradora desse grande carácter e bela alma, «dou a este movimento, o meu inteiro aplauso e espero que agora todas as boas vontades se juntem e o projecto vá por diante». Pela minha parte, «proponho-me realizar um concerto em Loulé com os ilustres artistas, a violinista Isaura Pavia de Magalhães e seu marido, o cantor José Eurico Lisboa, algarvios pelo coração e que conhecendo a obra do Dr. Bernardo Lopes, exportânea e generosamente ofereceram a sua colaboração».

Com entusiasmo, manifestando todo o interesse pela realização deste espectáculo, a nossa illustre interlocutora, D. Maria Cam-

Registadora

VENDE-SE uma máquina registadora «National», em estado nova.

Nesta redacção se informa.

pina, dirigindo-se aos seus contemporâneos, diz: «E de esperar que os meus contemporâneos acorrido, de maneira a dispensar muitos pobres da sua contribuição. Aos outros, as Comissões e sub-comissões, espalhadas por todo o concelho, pedirão o tal 1\$00, alviado pela «A Voz de Loulé». «Estou certa que ninguém o negará, pelo contrário, a dívida será sempre muito superior. O que é preciso é ir pedir, calcular estradas e caminhos, com generosidade e simplicidade, tal como o Dr. Bernardo Lopes fazia, quando visitava os seus doentes».

A concluir, a distinta artista louletana D. Maria Campina observa-nos: «E não esqueçamos que, mesmo excluído o dever de perpetuarmos a sua memória, talvez nenhum de nós dê aquilo que, materialmente ficou a dever ao Dr. José Bernardo Lopes».

Termina o seu depoimento por nos chamar a nossa atenção para o seguinte: — «Consta do seu testamento: E meu desejo em vida que se apague depressa a recordação da minha existência».

São assim os grandes homens. Talvez não seja descabida, no pedestal do seu busto — sugere D. Maria Campina — aquela legenda. Porque os louletanos lhe não obedeceram, ela provará mais profundamente, a enorme gratidão daqueles a quem o Dr. Bernardo Lopes tão abnegadamente serviu. Com estas palavras demos por finda a entrevista.

Ai têm os nossos prezados leitores, sobretudo, os bons filhos da «Muito Nobre e Honrada Vila de Loulé», as considerações que a vossa conterrânea D. Maria Campina, se dignou confiar ao nosso jornal, depoimento que reflete bem o que lhe vai na alma, como louletana que é, em face do silêncio que se fez em volta duma ideia, que se consubstanciava num acto de verdadeira gratidão do povo dum concelho que tanto Bem recebeu desse Apóstolo da Medicina.

Outros vallosos depoimentos serão publicados nas colunas deste ardoroso paladino louletano que, além de representarem opiniões e conceitos, têm o fim de estimular os que se empenharam na campanha do monumento, bem como os louletanos a demonstrarem que o «bairrismo louletano», não é uma palavra vã, contribuindo para que Loulé inteira possa inaugurar no próximo ano mais um monumento, e desta vez, a um HOMEM que bem merece essa homenagem: O Dr. JOSE BERNARDO LOPES.

Luís Sebastião Peres

GRUADA

Para serviço de fóra e cozinha, precisa-se para casal sem filhos.

Nesta redacção se informa.

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

» LOULÉ



RESTAURANTE

DUAS SENTINELAS

Situado na Estrada de Quarteira a 850 m. das

QUATRO ESTRADAS — LOULÉ

Os proprietários, informam que o seu restaurante se encontra aberto todo o ano, até às 2 horas da manhã, continuando o seu óptimo serviço de

ALMOÇOS, LANCHES, JANTARES e CEIAS a preços acessíveis.

Telefone 322 (de LOULÉ)

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Novembro:

Em 1, as sr.^{as} D. Jesuína Rocha Mendonça e D. Ermelinda dos Santos Palma, a menina Maria Graciete Nascimento Martins e o sr. Eng.^o José Maria Teixeira Farrajota Cavaco.

Em 2, a menina Virgínia Maria Carrusca da Silva Loures.

Em 3, os srs. Trancredo Pereira Carapeto Redol e as meninas Maria Helena Pereira Carapeto Redol, Epitácia Maria Adro Simão, Maria Manuela Guerreiro de Sousa, Zidia M. da Conceição P. Coelho, residente em Faro, e o menino José Manuel Guerreiro de Sousa, residente em S. Marcos da Serra.

Em 4, a sr.^a Dr.^a D. Modesta Floripes Fernandes Gonçalves.

Em 6, a sr.^a D. Maria Ivette Carrilho Rebelo, e o sr. Mário Mendonça Horta.

Em 7, o menino Luís Manuel Carapinha Santos Brito.

Em 8, o sr. Tomás Rodrigues Domingues e o menino António Manuel Lourenço Angelino.

Em 9, as sr.^{as} D. Maria Eduarda Sá Pereira Pinto, residente em Lisboa, D. Isabel da Piedade da Silva Clemente e as meninas Maria Eugénia Sousa do Nascimento e Maria Eduarda Farrajota Ricardo.

Em 10, as sr.^{as} D. Maria José de Brito Cavaco e D. Almerinda dos Santos Mimoso Rocheta e a menina Alberta Maria da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa.

Em 11, a menina Maria da Graça C. Rocheta.

Em 13, a sr.^a D. Maria Evangelista Maltezinho, as meninas Ana Maria de Sousa Vairinhos, residente em Lisboa, e Dina Maria de Sousa Cachaco e o menino João Eduardo Sintra Delgado.

Em 14, a sr.^a D. Raquel Guerreiro Rua e o sr. José da Costa Guerreiro.

PARTIDAS E CHEGADAS

Com curta demora, esteve em Loulé, tendo-nos dado o prazer de nos cumprimentar, o sr. Dr. António de Sousa Pontes, Presidente da Junta de Turismo de Quarteira e nosso prezado amigo e colaborador.

De visita à terra natal, encontra-se entre nós o sr. Joaquim Mendes Pinguinha, nosso estimado assinante na Venezuela.

A fim de preparar a Banda da Brigada Naval para as tradicionais festas de Nossa Senhora do Bom Sucesso a realizar em Cacilhas, encontra-se em Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. Virgílio Joaquim de Sousa Viegas, dedicado regente da Banda Artistas de Minerva, desta vila.

CASAMENTOS

No passado dia 25 de Outubro teve lugar nesta vila a cerimónia civil do casamento por procuração da nossa conterrânea sr.^a D. Maria Valentina Domingues Garcia, prezada filha da sr.^a D. Alice da Conceição Garcia e do sr. Paulo Martins Garcia (falecido) com o nosso conterrâneo, prezado assinante e amigo, sr. Alferes miliciano José Ricardo de Sousa Ferreira, que se encontra a prestar serviço em Nampula, filho da sr.^a D. Genoveva de Sousa Ferreira e do sr. Horácio Ferreira (falecido).

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. Sebastião Garcia Domingues, considerado comerciante da nossa praça e a sr.^a D. Maria Filipe Rodrigues Domingues e por parte do noivo o sr. Manuel de Sousa Fome e esposa sr.^a D. Justina Jorge de Sousa.

Foi procurador do noivo seu irmão sr. Adelino de Sousa Ferreira, conceituado comerciante da nossa praça.

Após a cerimónia foi servido em casa da mãe da noiva, um finíssimo «copo de água» aos convidados.

A noiva segue brevemente para Moçambique onde terá lugar a cerimónia religiosa.

Na igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Quarteira, realizou-se há dias o enlace matrimonial da sr.^a D. Marcelina Sebastião Madeira, professora oficial, com o sr. José Luis Freire do Carmo, chefe de conservação da J. A. das Estradas.

Apadrinharam o acto por parte do noivo seu pai, sr. José Luís do Carmo, proprietário e a sr.^a D. Maria de Jesus Serra, e por parte da noiva, seu irmão, o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Guiomar Estêvão, funcionário do B. N. U. em Lisboa, e sua prima sr.^a D. Glória Guerreiro Martins.

Após a cerimónia foi servido em casa da noiva um finíssimo «copo de água» tendo os noivos fixado residência em Barranco do Velho.

Aos novos casais deseja «A Voz de Loulé» sinceros parabéns e formula votos de longa e próspera vida conjugal.

FALECIMENTO

Após doloroso e prolongado sofrimento, faleceu em casa de sua residência, no passado dia 23 de Outubro, o nosso prezado assinante sr. Manuel António Guerreiro Junior, conceituado comerciante da nossa praça, onde se estabelecerá há cerca de 40 anos.

O saudoso extinto, que contava 68 anos de idade, deixa viúva a sr.^a D. Maria da Encarnação Guerreiro e era pai das sr.^{as} D. Maria Guerreiro Coelho, D. Maria Valentina Guerreiro Graça Iria e dos srs. José António Guerreiro, residente no Barreiro, Joaquim Miguel Guerreiro, David Miguel Guerreiro e Francisco Miguel Guerreiro, comerciantes nesta vila; irmão da sr.^a D. Maria da Piedade Guerreiro e sogro das sr.^{as} D. Maria José Caracol Guerreiro, D. Maria Isabel Costa Guerreiro e dos srs. João e Sousa Coelho, comerciante em Silves e João Maria Graça Iria, comerciante nesta vila.

A família enlutada apresenta «A Voz de Loulé» a expressão do seu sentido pesar.

FIM DE CURSO

Com elevada classificação, concluiu o curso de farmácia na Faculdade de Farmácia do Porto o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Joaquim Teixeira Guerreiro, filho da sr.^a D. Elisa Teixeira Guerreiro e do nosso estimado amigo e dedicado colaborador sr. Joaquim Guerreiro Pereira, professor oficial reformado.

As nossos felicitações e votos sinceros de prosperidades futuras.

ARMANDO ROCHA CRUZ

Após ter sido submetido a uma intervenção cirúrgica numa Casa de Saúde em Lisboa, que decorreu com felicidade, já regressou a sua casa em Vila Real de Santo António, o sr. Armando Rocha Cruz, director do nosso prezado colega «Notícias do Algarve».

Sinceramente lhe desejamos completo restabelecimento.

Participações de nascimento

em modernos e interessantes modelos, executam-se na **Gráfica Louletana**

Foi inaugurada a nova sede do Banco do Algarve



A cidade de Faro, cujo progresso urbanístico tem sido francamente notável nos últimos anos, continua a marcar posição de destaque pela crescente valorização das actividades que a estão transformando num importante centro digno de uma capital de província.

Em ritmo acelerado surgem novas edificações por toda a cidade, que lhe alteram profundamente a fisionomia e a embelezam.

Embora mais lentamente do que nas novas áreas por onde Faro se tem largamente expandido, também a «baixa» tem passado por algumas remodelações que lhe vão tirando aquele ar acanhado de cidade antiga de ruas estreitas ladeadas de velhos edifícios. E assim, ao lado de antigas construções, vão surgindo elegantes e modernos prédios que muito estão contribuindo para a valorização da parte baixa de Faro.

De entre eles, tomou agora especial relevo o moderno imóvel de 3 andares onde acaba de ficar instalada a sede do Banco do Algarve e que, construído no gaveto das ruas Ivens e D. Francisco Gomes, constitui um apreciável

melhoramento para a estética cittadina.

De lindas elegantes e sóbrias e optimamente localizada, o novo edifício reúne todos os requisitos modernos tanto para comodidade do público como para todos os serviços. Com duas casas-fortes e depósito de cofres particulares nas caves, possui excelentes instalações para a contabilidade, expedição de correio, arquivos, gabinetes da Direcção (com sala de recepções) e ainda para a Delegação da Companhia de Seguros Ouirique, que funciona no mesmo edifício, cujo último andar tem função residencial.

A cidade de Faro ficou enriquecida com esta nova construção até porque isso é sinónimo de prosperidade dum instituição bancária que ali tem a sua sede e que de algum modo tem contribuído para o enriquecimento e prosperidade do Algarve.

Felicitamos a administração do Banco do Algarve por este acontecimento, que é sem dúvida dos mais importantes da existência deste conhecido estabelecimento.

O SUB-POSTO da G. N. R.

(Continuação da 1.^a página)

missão Distrital da U. N., Vice-Presidente da Comissão Concelhia da U. N., Comandante da 5.^a Companhia da G. N. R., representando o Comandante do Batalhão n.^o 3, Comandante da Secção da G. N. R., Chefe da Secretaria da Câmara, Presidentes das Juntas de Freguesia de Salir e Alte, Regedor de Salir, Párcos de Alte e Salir, Chefe da P. I. D. E., de Faro, médico municipal de Salir e elevado número de habitantes da freguesia.

A assinalar a chegada das entidades oficiais foi hasteada a bandeira nacional, com guarda de honra constituída por uma força da G. N. R., seguindo-se a visita às instalações que correspondem inteiramente para o fim a que se destinam, pois ocupam o maior edifício da povoação, que recebeu importantes obras de adaptação.

Na sessão solene que assinalou a inauguração usaram da palavra os srs. Eng.^o Júlio Cristóvão Mealha, Vice-Presidente da Câmara; Capitão Bernardino dos Santos, comandante da 5.^a Companhia da G. N. R.; José João Ascensão Pablos, em representação da Comissão Concelhia da U. N.; Dr. José Pereira da Rocha, em representação da Junta de Freguesia e Governador Civil do Distrito, que encerrou a sessão.

Durante o «copo de água» que foi oferecido aos convidados usou da palavra o sr. Dr. José Ascensão, Presidente da Comissão Distrital da U. N.

Ao apresentar as suas despedidas, o sr. Governador Civil ofereceu um donativo de 1.000\$00 para ser distribuído pelos pobres da freguesia.

QUARTEIRA PRÉDIO

Vende-se um prédio com 6 divisões, em frente do Mercado, podendo servir para habitação ou estabelecimento.

Tratar com Comerzindo Felizardo Matilde — Quarteira.

Subscrição para o Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.^a página)

to, — Barreiras Brancas, 20\$00; Manuel de Jesus Bota — Campina de Cima, 50\$00; Francisco Correia (Venda), 20\$00; Cristóvão Correia — Alfarrobeira, 50\$00; João Martins Rodrigues, 20\$00; Alvaro José Missa, 10\$00; Manuel de Sousa Inês Junior, 50\$00; Manuel Filipe Carrusca Viegas, 50\$00; Manuel Joaquim Guerreiro Ramos, 10\$00; José dos Ramos Viegas, 30\$00; Joaquim Domingos, 50\$00; Viúva de José Esteves, 20\$00; Manuel Rodrigues Ventura, 10\$00; José Carrusca Lampreia, 70\$00; José Guerreiro dos Santos, 20\$00; Adriano dos Santos Carapeto, 50\$00; Eng.^o Manuel José da Silva Pereira, 200\$00; Efigénio Guedes de Matos, 50\$00; D. Silvina Mendonça Bonix, 20\$00; Carlos Dias Gomes (2.^a contribuição) — de Loulé, 22\$50. A transportar, 32.715\$20.

Tem sido a Comissão gentilmente acolhida por todas as pessoas a quem se tem dirigido na colheita de ofertas, o que denota, além do tradicional baírrismo dos louletanos, a manifestação de um sentimento de apreço e carinho pela memória do ilustre homenageado.

Bem hajam por isso, e pelo desejo calorosamente manifestado por todas as pessoas que se subcrevem, de que seja erigida uma Memória condigna de tão prestante cidadão e devotado amigo dos que a dor alanceava, não se escusando nunca a penas e fadigas para lhes levar o lúctivo da sua presença e abalizado saber.

Prosseguiremos na nossa missão e, depois de finalizada a recepção das subscrições feitas e decorrentes, convocar-se-á uma reunião de todos os louletanos e subscritores, por aviso neste jornal e em local a designar, a fim de que possam manifestar o seu pensar acerca do Monumento a erigir e o local da sua situação, de harmonia com autoridades e possíveis idealizadores e construtores da obra.

Será feita também uma brochura com todos os nomes dos subscritores, a distribuir por ocasião da inauguração do monumento, para recordação do facto e dos que o possibilitaram.

Gostosamente agradecemos a todas as pessoas que amavelmente se têm prontificado a constituir Sub-Comissões nas freguesias e sítios do concelho, para secundarem o nosso trabalho.

A Comissão

N. R. — Por absoluta falta de espaço não nos é possível publicar neste número a lista completa de subscritores que nos foi entregue pela Comissão.

PASSATEMPO

Substituindo os traços por letras encontrarão os nomes de 27 marcas de Automóveis.

---	E	---
---	U	---
---	S	---
---	O	---
---	P	---
---	A	---
---	S	---
---	S	---
---	E	---
---	I	---
---	O	---
---	N	---
---	E	---
---	S	---
---	T	---
---	E	---
---	S	---
---	A	---
---	U	---
---	T	---
---	O	---
---	M	---
---	O	---
---	V	---
---	E	---
---	I	---
---	S	---

Junte o útil ao agradável

Encontrando as soluções deste passatempo.



Se comprar um RÁDIO a **Abel Santos de Matos**

LOULÉ

terá um bonus de 10 %.

INTERESSES do Ameixial

Após ter sido inaugurado o Sub-Posto da G. N. R. de Salir, a que noutro lugar nos referimos, o sr. Governador Civil, acompanhado pelos srs. Vice-Presidente da Câmara, Presidente da Comissão Distrital da U. N., Vice-Presidente da Comissão Concelhia da U. N., Médico Municipal do partido e Chefe da Secretaria da Câmara, dirigiu-se ao Ameixial a fim de se inteirar de necessidades da freguesia e visitar as obras de construção do edifício da sede da Junta de Freguesia e Posto Médico.

A comitiva era aguardada pelo Presidente e demais vogais da Junta de Freguesia, Regedor e muito povo. Foram visitadas as obras da Fonte Férrea e a estrada de Ameixial à Corte de Ouro.

O sr. Governador Civil inteirou-se da obra que tem sido levada a efeito por lavradores da Corte de João Marques para estabelecerem a ligação, por estrada, à sede da freguesia, obra que tem sido ajudada pela Câmara, mas que ainda não está concluída por faltar a ligação da já existente com a estrada da Corte de Ouro.

O sr. Governador Civil atribuiu um subsídio de 5.000\$00 para a realização desses trabalhos e mais 5.000\$00 como comparticipação nas obras de valorização da Fonte Férrea e respectivo acesso.

Foi esta a primeira vez que um Governador Civil de Faro visitou Ameixial e esse facto provocou grande regosio entre a população.

Eleições das Juntas de Freguesia

(Continuação da 1.^a página)

tutos: José Paulino Guerreiro, Artur Guerreiro Mealha e José Louro Costa.

Freguesia de Quarteira — Efectivos: Carlos Felizardo Viegas, José Coelho Junior e Manuel Gaudêncio Pires. Substitutos: Francisco José dos Santos, Manuel Mendes e José Coelho Bota.

Freguesia de Salir — Efectivos: António Teixeira Dias Quintino, Manuel Francisco Rodrigues e Francisco Pires Leonardo. Substitutos: Manuel Francisco Afonso, Manuel Dourado Martins Eusébio e Adelino Rocha da Silva.

Freguesia de S. Sebastião — Efectivos: Gilberto Maria de Freitas, Bartolomeu Garcia Rodrigues e Manuel Carapeto Meleães. Substitutos: José Gonçalves Grosso, Diamantino Guerreiro Pinto e José Agostinho de Sousa.

Freguesias de S. Clemente — Efectivos: Adelino Francisco da Silva, José Pedro Rodrigues dos Santos e José Guerreiro Neto. Substitutos: Veríssimo dos Santos Carapeto, Joaquim Rodrigues Gonçalves e Carlos Martins Elias.

O Dia de Finados

(Continuação da 1.^a página)

do cemitério assemelha-se a um vasto jardim coberto por mãos piedosas, nesse dia de muitas flores, espalhadas por aqui e por ali recordando a memória de uma pessoa, concretizando a saudade dos parentes mais próximos, de uma família.

E ali, no cemitério, onde a riqueza, a ambição e o egoísmo, abatem o seu orgulho e vêm unificar-se no amplexo da igualdade, no campo de nós todos, não havendo nesse chão sagrado, haste caída, que não se vivifique ao calor das lágrimas derramadas.

Sobre todo este panorama a saudade, a tristeza e as lágrimas caídas sobre os leitos mortuários dos que se amaram na vida!

Como eles ressurgem, em negras cripes no dorido campo da enganadora imaginação! um pai amantíssimo! uma mãe carinhosa! um terno irmão! um amigo.

Dia de Finados! dia triste! suplicação, destruição, putrefacção daqueles corações que já não palpítam, e que nas sombras do túmulo, fazem inanimados.

E agora que os seus corpos frios dormem tranquilos na algidez da campa, só nos resta chorar a perda dos nossos entes queridos — dos nossos pais, dos nossos irmãos, e dos amigos.

Paz às suas almas e rezemos hoje pelos mortos.

Augusto C. Bolotinha

PRÉDIOS

Vendem-se, perto do Barreiro.

Tratar com Américo Correia Rainha—Rua 38—Baixa da Banheira—Alhos Vedros.

Se quereis ter boas colheitas aplicai adubações perfeitas.

Os adubos **C U F** são os melhores

Revendedor:

MANUEL GUERREIRO PEREIRA

LOULÉ PORTIMÃO LAGOS

Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Nossa Senhora dos Pobres de Loulé

ANÚNCIO

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé, torna público que, até 27 de Novembro do corrente ano, se recebem propostas em carta fechada para a venda de artigos disponíveis aos serviços (portas, janelas e diversos outros utensílios).

Os materiais poderão ser verificados todos os dias úteis, das 9 às 17 horas, na cerca do Edifício do Hospital e dependências anexas.

Loulé, 29 de Outubro de 1959.

A MESA

AMIGOS do bem comum

(Continuação da 1.^a página)

Conhecemos um homem que não queria ceder o terreno para a construção de um edifício escolar porque nele havia uma árvore a que amarrava o burro para estar à sombra.

Temos de convir que há por aí muito burro que precisa de estar à sombra.

(Do «Notícias do Algarve»)

Não estranhemos que a dificuldade de aquisição de terrenos, até mesmo para construção de escolas, tenha merecido reparos do sr. Ministro da Educação Nacional. Este também tem sido um mal da nossa terra onde, quem queira construir, encontra quase intratáveis dificuldades.

Alguns proprietários dos terrenos mais adequados a construções ora se recusam simplesmente a vender (terão também alguma árvore para pôr o burrinho à sombra?) ora pedem preços exorbitantes por metro quadrado.

Entretanto Loulé não progride...